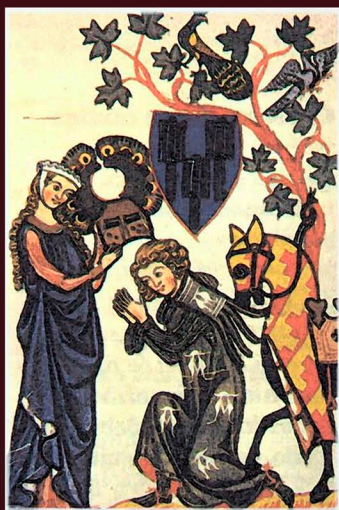


José Leon Machado

O Cavaleiro da Torre Inclinada



ROMANCE

Edições Vercial

José Leon Machado

O Cavaleiro da Torre Inclinada

Cenas da vida académica

Romance

Edições Vercial

Naturatus amor nature legibus orbem
Subdit, et vnanimes concitat esse feras:
Huius enim mundi Princeps amor esse videtur,
Cuius eget diues, pauper et omnis ope.
Sunt in agone pares amor et fortuna, que cecas
Plebis ad insidias vertit vterque rotas.
Est amor egra salus, vexata quies, pius error,
Bellica pax, vulnus dulce, suaue malum.

John Gower, *Confessio Amantis*

Amor è que' che mi guida e conduce,
nell'opera la qual a scriver vegno;
Amor e que' ch'a far questo m'induce,
e che la forza mi dona e lo 'ngegno;
Amor è que' ch'è mia scorta e mia luce,
e che di lui trattar m'ha farto degno;
Amor è que' che mi sforza ch'ì' dica
un'amorosa storia molto antica.

Boccaccio, *Ninfale Fiesolano*

O livro de Teologia Moral

Como tema de tese de doutoramento, fora sugerido ao Dr. Licínio, assistente do Departamento de Sociologia na Universidade D. Dinis, a história do adultério desde a Idade Média até à actualidade. Quando começou a fazer a revisão bibliográfica do tema, deparou-se com uma obra na biblioteca da universidade que, embora não fosse da área da Sociologia, lhe interessou de imediato: *O Adultério na Literatura Portuguesa do Século XVIII*. O autor, Marco T. Ferreira, docente de Ciências da Cultura na mesma universidade, publicara-a alguns anos antes e, segundo informação na terceira página, era a sua tese de doutoramento. O Licínio leu-a com agrado e ali colheu muitas informações acerca daquela prática que pensou utilizar.

Durante a leitura, encontrou uma citação mais ou menos extensa que lhe despertou a curiosidade. Em nota de rodapé, o autor do estudo apresentava a referência bibliográfica: R. P. Thomae Tamburini, *Theologia Moralis*, Veneza, 1748, volume I, *De Praeceptis Decalogi*, página 176 (exemplar consultado na Biblioteca do Seminário Diocesano). Na citação se resumia a posição oficial da Igreja na época acerca das práticas adúlteras. A questão interessava-lhe particularmente e tomou nota da referência, agendando uma visita à biblioteca do seminário para tentar descobrir a obra e, se possível, algo mais que lá dissesse.

O bibliotecário, um tipo com aspecto de sacristão, sentado numa cadeira conventual, os pés ternamente poisados sobre uma pilha de números antigos do *Osservatore Romano*, atendeu-o com má vontade. Não gostou de lhe terem interrompido a sesta que costumava tirar depois do almoço. Como a obra que o assistente pretendia consultar era antiga, levantou-se contrariado e guiou-o por uma escada em caracol até à cave, onde se encontravam depositados os cartapácios que já não interessavam a ninguém.

A estante de Teologia Moral estava carregada de grossos e pesados tomos com o mesmo título, mas de diferentes autores. Havia a *Theologia Moralis* de Anacleto Reiffenstuel publicada em 1724 num volume; a de Afonso Maria de Ligório de 1762 em três volumes; a de Hermann Busenbaum de 1747-1753 em dois volumes; a de Nicolai Mazzotta de 1781 em cinco volumes; e a de Tommaso Tamburini em três volumes. O Licínio retirou o volume I do Tamburini e poisou-o, por sugestão do bibliotecário, numa das mesas de leitura próximas, fazendo levantar uma ligeira nuvem de pó. Seguindo a referência, foi folheando o tomo e, quando chegou à página que lhe interessava, verificou que estava colada à seguinte.

O bibliotecário aproximou-se para verificar o problema e, quando o assistente viu que ele ia tentar descolá-las à bruta, disse-lhe para ter cuidado, ou ainda danificava o livro. Aquele, um tanto enfadado – Que importância tinha um rasgão num livro que já ninguém lia e que só estava ali a ocupar espaço? –, procurou no bolso do casaco um canivete e passou-o ao assistente. Este, com o maior cuidado possível, descolou as folhas e os estragos foram reduzidos.

– Há gente que não tem respeito nenhum pelos livros – comentou. – Onde já se viu deixar cair cola num livro como este!

– Se é que é cola – retorquiu o bibliotecário.

– A mim parece-me cola.

– Também pode ser gordura. Ou muco do nariz. Mas pela textura da mancha e pela maneira como está espalhada, talvez não seja nada disso. Sabe o que me parece? Esperma.

– Esperma?

– Não me admiraria nada que algum seminarista se lembrasse de vir aqui bater uma pívia.

– É um pouco forte o que está a dizer.

– Acha? Pois então o doutor ainda não viu nada. Eu trabalho aqui vai para seis anos e tenho de lidar com esses bárbaros. Estão no seminário porque querem ser padres... Quando devolvem um livro requisitado, nem se pode olhar para ele. Arrancam as páginas,

rasgam, dobram, riscam, sublinham e até chegam a desenhar porcalhices. Tratam melhor os sapatos. É o que o doutor diz: Há gente que não tem respeito nenhum pelos livros.

– Pelo menos lêem-nos.

– Ah, isso já não sei. É assunto que não me diz respeito. Eu limito-mo a fazer o controlo dos livros que saem e verificar se são entregues dentro do prazo.

O Licínio debruçou-se sobre o Tamburini e, com a ponta do canivete, raspou um pouco da mancha. Esta desfez-se em pó branco.

– Se isto é esperma – considerou –, porque é que alguém haveria de o deitar nas páginas de um livro? Não tem lógica nenhuma.

– E não precisa de ter. Cá para mim, o safado do seminarista responsável por isso fê-lo para escarnecer das coisas santas.

– E porque haveria de escolher esta obra? Deve haver muitas bíblias na biblioteca em que podia dar azo ao escárnio de uma forma mais eficaz.

– Talvez a obra estivesse aí à mão de semear.

O assistente não estava muito convencido. Tanto mais que os seminaristas, em princípio, não consultavam livros antigos como aquele. Devia haver outra explicação. Raspou mais alguns pedaços da mancha e deitou o pó branco numa caixinha que usava para guardar os comprimidos para o colesterol. Antes, porém, tomou o único comprimido que lá havia. Depois confirmou a citação, transcreveu mais algumas passagens sobre o adultério e abandonou a biblioteca agradecendo ao bibliotecário a ajuda.

No dia seguinte, passou no laboratório de Genética da universidade e pediu a uma colega com quem tinha alguma confiança que, quando tivesse disponibilidade, fizesse uma análise ao pó. Precisava de saber o que era e há quanto tempo fora produzido. Já que a tecnologia permitia com alguma facilidade desvendar pequenos mistérios, porque não servir-se dela para descobrir o que realmente se passou com as páginas daquele livro de Teologia

Moral? Não ganhava nada com isso e de pouco lhe serviria para a sua investigação sociológica.

Daí a uma semana, recebeu um *email* da colega a dizer-lhe que o pó era uma estranha mistura de papel com esperma humano cristalizado. O esperma era de homem branco, entre os trinta e os quarenta anos, e fora produzido há pelo menos oito anos atrás. O papel tinha mais de duzentos anos. Como os dados eram díspares, ela repetira a análise. Foi confirmada inequivocamente a composição do pó.

Sentado à frente do computador, o Licínio pensou que, se o esperma tinha pelo menos oito anos, era provável que o seu proprietário fosse o autor de *O Adultério na Literatura Portuguesa do Século XVIII*, que consultou a obra por essa altura. Assim sendo, poderia descartar a ideia de um seminarista lúbrico ter ido esconder-se na cave da biblioteca, um sítio bastante tranquilo mas pouco adequado para bater uma punheta.

Uma pergunta de imediato se lhe colocou: Caso tenha sido realmente o autor do estudo o responsável pela mancha, por que razão haveria de derramar sobre o livro o próprio esperma? Delineou algumas hipóteses: O investigador excitara-se ao ler o capítulo sobre o adultério, masturbou-se e, inadvertidamente, conspurcou o livro de Teologia Moral. Era uma hipótese estapafúrdia, sabia-o bem. Não estava a ver um investigador sério como o Professor Marco T. Ferreira a friccionar o pénis numa biblioteca e a ejacular para cima de um livro. Os investigadores não fazem isso. Quando lhes vem a vontade, ou aguentam estoicamente até que passe, ou usam a casa-de-banho mais próxima. Ele próprio já se vira numa situação semelhante quando foi fazer uma pesquisa à Biblioteca Nacional. Na mesa ao lado, estava uma boazona que lhe fez subir a temperatura a tal ponto que teve de ir aliviar-se. Eram coisas naturais, que podiam acontecer a qualquer um. Mas fazer isso dentro da biblioteca, rodeado de estantes e para cima de um livro, tocava as raias do anormal. É verdade que um homem podia excitar-se com um livro que está a ler ou uma revista erótica e há até quem se

sirva disso para, quer na sanita, quer confortavelmente deitado na cama, praticar o vício solitário. Mas um indivíduo que se excitava com um livro de Teologia Moral só podia ser um tarado.

Talvez, considerou, tenha sido um acidente. A poluição pode ocorrer em qualquer altura e só damos por ela quando descobrimos que temos as cuecas molhadas. O Professor Marco T. Ferreira poderia estar a ler o livro, ou a copiar uma passagem, enquanto imaginava os peitos de uma colega que vira a passar no corredor da universidade, fantasiando em seguida uma cena tórrida.

Não, seria demasiado inverosímil. Pensou noutra hipótese, esta com mais fundamento: E se a colega, em vez de ser fruto da imaginação, estivesse ali com ele a auxiliá-lo na consulta bibliográfica? Então aí o quadro seria totalmente diverso. Os dois, não tanto excitados por causa do conteúdo do livro, mas por se encontrarem sozinhos, num ímpeto impossível de conter, lançaram-se nos braços um do outro e deram asas à líbido. O livro, pelo seu tamanho avantajado e pela macieza das páginas, podia ter servido de colchão. Quando o clímax se aproximou, ele retraiu-se e ejaculou fora do vaso, derramando a semente sobre o livro. Esta hipótese era, pensava, a mais plausível. Talvez pudesse utilizá-la para o seu estudo sociológico. Todo o cenário parecia indiciar um flagrante caso de adultério. Os esposos legítimos não fazem, por regra, sexo em lugares tão extravagantes.

Quando começou a ler as passagens em Latim que tinha copiado da obra do Tamburini, constatou que tinha de arranjar alguém para lhas traduzir. No estudo do Professor Marco T. Ferreira, a passagem estava em Português. Talvez ele o pudesse ajudar. Decidiu enviar-lhe uma mensagem a pedir-lhe um encontro. Este respondeu-lhe quase em seguida, a dizer que teria todo o gosto em recebê-lo. Como os gabinetes de ambos ficavam no mesmo corredor do edifício, o Licínio foi bater à porta do colega, que de imediato o mandou entrar.

O assistente falou-lhe da sua investigação sociológica acerca do adultério e confessou que o estudo que o professor publicara

estava a ser-lhe muito útil para o contexto do século XVIII. Uma das informações que lhe devia era a referência à *Theologia Moralis* de Tommaso Tamburini. Consultou a obra e encontrou mais algumas passagens que iria utilizar, mas precisava de arranjar alguém que lhas traduzisse correctamente.

– Conheço uma pessoa que pode ajudá-lo – informou o professor. – É a Dr.^a Natividade Pires. Foi ela que me traduziu a passagem que eu cito no meu estudo.

– E como posso contactá-la? Trabalha aqui?

– Infelizmente não. Foi minha colega de mestrado, há alguns anos atrás, e é professora numa escola secundária. Se quiser, dou-lhe o número de telefone. Pode dizer-lhe que foi por meu intermédio que o consegui. É uma pessoa muito solícita.

– Agradeço-lhe imenso.

Falaram mais alguns minutos acerca do adultério na sociedade do século XVIII e o seu impacto nas normativas que a Igreja se esforçou por publicar, para tentar reduzir essa calamidade que resultava num aumento exponencial do número de enjeitados e filhos ilegítimos.

Quando telefonou, a professora prontificou-se de imediato a colaborar na tradução. Marcaram encontro num café do centro da cidade e o assistente levou a cópia manuscrita que fizera das passagens do livro de Teologia Moral. Enquanto ela as lia, o Licínio constatou que, apesar de um pouco mais velha do que ele, era uma mulher bonita e bem torneada.

– Isto – disse a Natividade – não deve estar bem. Há aqui certas desinências que violam a gramática. Tem a certeza de que copiou o texto tal e qual como estava no original?

– Acho que sim. Mas como os meus conhecimentos de Latim são quase nulos, é bem provável que me tenha enganado nalguma coisa.

– Pois é. Assim, não consigo traduzir o texto como deve ser. Tem de me trazer o original.

– Será difícil.

– E não pode arranjar uma fotocópia?

– Mais difícil ainda.

– Então não sei como poderei ajudá-lo.

– Eu não quero ser maçador e não desejo tirar-lhe demasiado o seu tempo. Mas talvez consigamos resolver o problema se a Dr.^a Natividade se deslocasse comigo à biblioteca do seminário. O livro é antigo e a consulta tem de ser lá.

– Se é a única forma que temos de o fazer, pois seja.

Marçaram o dia e a hora e apareceram na biblioteca do seminário. O bibliotecário lá os guiou à cave e, porque estava na hora do lanche, deixou-os sozinhos. Não se recordava de alguma vez alguém ter roubado um livro. As pessoas podiam-se esquecer de o devolver, perdê-lo ou estragá-lo. Mas nunca o roubariam.

O Licínio retirou da estante o volume I da *Theologia Moralis* e abriu-o sobre a mesa. A seu lado, ouviu este comentário:

– É curioso. Eu já consultei este livro, ou um parecido, com outra pessoa.

– Ah, sim? E quem era? – perguntou o assistente com interesse.

– O Professor Marco Túlio Ferreira.

– E que aconteceu?

– Oh, são coisas muito íntimas. Não quero melindrá-lo.

– Melindrar-me? Acha que eu nesta idade ainda me melindro com alguma coisa?

– Que idade tem? Trinta e um?

– Trinta e dois. A Dr.^a Natividade não é muito mais velha do que eu.

– Bastante mais.

– Pois não parece.

– Ah, muito obrigado. Mas comigo não precisa de mentir.

– Estou a ser sincero. E então? Não me vai contar o que aconteceu?

– Você já deve saber alguma coisa...

– O pouco que sei é que a doutora ajudou o Professor Marco Túlio Ferreira a traduzir uma passagem em Latim deste livro.

– E a si porque lhe interessa exactamente este?

– Por causa do adultério. Como sabe, é o tema do meu estudo.

O Licínio voltou-se para o livro e folheou-o até encontrar a página manchada, sem conseguir disfarçar o incómodo que sentia por estar ali com a mais que provável ex-amante do Professor Marco Túlio Ferreira.

– O que me tem feito dar voltas à cabeça – explicou fixando-se na página 176 – é a descoberta desta mancha.

E apontou para o livro.

– Parece gordura ressequida – aventou ela aproximando a vista.

– Tem alguma explicação para a sua presença aqui?

– Não, nenhuma.

Ela afastou-se alguns centímetros e sentou-se na borda da mesa, os braços cruzados, a avaliar as intenções do assistente.

– Que pretende de mim, Dr. Licínio?

O assistente ficou atrapalhado.

– Que me ajude a traduzir o texto – respondeu laconicamente.

– Mas porquê o seu interesse por essa mancha?

– Nenhum em particular. Achei estranha a sua presença num livro antigo e pensei que a doutora talvez tivesse alguma explicação para ela, uma vez que o consultou antes de mim.

Ela suspirou e disse:

– Como poderia tê-la? Não acha que estamos a perder tempo a falar de uma coisa tão sem importância? Daqui a pouco o bibliotecário vem dizer-nos que são horas de fechar e ainda não copiei o texto.

– Tem toda a razão.

O assistente assinalou-lhe as passagens a copiar e afastou-se um pouco a ver as lombadas de outros livros. A doutora, enquanto as transcrevia, na sua caligrafia redonda e certinha, foi-se perdendo em recordações.

Ela e o Marco Túlio Ferreira foram colegas de mestrado. A amizade entre ambos cimentara-se quando tiveram de fazer alguns trabalhos em grupo. Eram uma boa equipa. Ele escrevia bem e tinha uma grande bagagem cultural; ela era perspicaz, desenrascada, dominava os programas informáticos e sabia Latim. Depois do mestrado, continuaram amigos. O Ferreira foi convidado a ir trabalhar para a universidade e teve de fazer o doutoramento. A cada passo, pedia-lhe ajuda, sobretudo na tradução de textos latinos.

Um dia, ele precisou de fazer uma consulta acerca do adultério numa obra que se encontrava na biblioteca do seminário e pediu-lhe que o acompanhasse. O bibliotecário, que na altura era outro indivíduo, deixou-os à vontade. Ficaram sozinhos, rodeados daquelas estantes empenadas ao peso dos livros velhos. O Ferreira procurou numa das estantes o volume I da *Theologia Moralis* do Tamburini e, ali naquela mesa, foram lendo a letra miúda em duas colunas. Depois de encontrarem as passagens que ele pretendia, a Natividade ofereceu-se para as copiar.

A Natividade tinha um fraquinho pelo colega. Durante o curso de mestrado, alimentara uma vaga esperança. Sabia que seria difícil, pois era casado e não iria deixar a esposa para ficar consigo. Além do mais, também ela era casada. Na altura, sentia-se carente. O marido, sempre ocupado em viagens de negócios, quase nunca estava. Não era propriamente paixão o que sentia pelo Ferreira. Ninguém se apaixona por um homem a quem só interessavam os livros. Nesse aspecto, não era muito diferente do marido. Mas pelo menos estava perto.

Enquanto copiava o texto, o Ferreira afastara-se para ver se descobria algo mais que lhe interessasse nas estantes. Ela apercebeu-se de que era observada. Estava de pé, debruçada sobre o livro. Sabia que ele lhe admirava as pernas e a curvatura das ancas. Devia estar a viver um dilema: atirar-se à colega, ali toda oferecida, e ser fiel à esposa. Era difícil, sobretudo em situações como aquela. A Natividade, enquanto escrevia, saracoteava-se, como se estivesse a balançar-se ao ritmo de uma música que só ela ouvia.

Para se distrair e dissipar o dilema, o Ferreira retirou um volume de sermões da estante e foi sentar-se numa outra mesa.

– Sabes o que diz o texto? – perguntou a Natividade voltando-se. – Que, se um dos esposos não cumprir aquilo a que está obrigado, o outro tem o direito de ir demandá-lo fora do casamento e quem peca é quem se negou.

– Muito curioso.

– E tu, cumpres a tua obrigação para com a tua esposa?

– Sempre que posso.

– Não é sempre que podes. É sempre que ela to exige.

– Ela nunca mo exige. E quando sou eu a exigir, desculpa-se com o cansaço ou uma dor de cabeça.

– Então é ela que está em falta. Desta passagem eu entendo o seguinte: Se duas pessoas descontentes com os seus cônjuges se encontram e cumprem de boa vontade e com gosto o que a natureza lhes pede, não há violação de nenhum preceito moral.

– Talvez essa interpretação seja um pouco abusiva. Isto porque a Igreja condena o ajuntamento carnal que não tenha como fim a procriação. O que referiste entra certamente nas condições atenuantes. Mas aí deve haver referência também às condições agravantes. O acto é muito mais grave se for praticado a uma sexta-feira, a um domingo ou dia santo, se os parceiros não forem casados, se a mulher está em período menstrual, se o homem verte a semente no vaso impróprio, na boca dela ou sobre a terra, ou se ela usa os dedos em si própria.

– E tu que achas de tudo isso?

– Acho um absurdo. A Igreja sempre tentou controlar a vida dos fiéis e, com estas regras, pensava que o fazia. Eu creio que não passa de letra morta. As pessoas, em suas casas, fechadas nos seus quartos e debaixo das mantas, faziam o que lhes apetecia.

– Realmente essa obsessão de querer controlar a vida dos outros nos pormenores mais íntimos é um disparate. Sabes o que me apetecia? Vingá-lo de todas essas regras que os clérigos se esforçaram por compilar.